

**A TEOLOGIA FICCIONAL DE JOSÉ
SARAMAGO: APROXIMAÇÕES ENTRE
ROMANCE E REFLEXÃO TEOLÓGICA**
MARCIO CAPPELLI
Lisboa: Imprensa Nacional-Casa
da Moeda, 2019
301 páginas, ISBN 978-972-27-2754-9

A Teologia ficcional de José Saramago – aproximações entre romance e reflexão teológica resulta da tese de doutoramento de Marcio Cappelli, impulsionada pelo ensejo de reconhecer os contornos do substrato teológico na obra literária de um ateu. A investigação giza a análise dos romances denominados bíblicos, nos quais o ateísmo de José Saramago e a sua visão crítica do cristianismo se revelam particularmente explícitos.

O Prefácio (pp. 15-16) da lavra de Maria Clara Lucchetti Bingemer ressalta a força dos textos, revestidos de indagações que obrigam os ateus a aprofundar o seu ateísmo e os crentes a rever os limites da sua fé, a partir das paisagens existenciais que perscrutam o tecido da natureza humana.

Na Introdução, o autor revela as razões que motivaram o trabalho, apresenta as suas escolhas metodológicas, explica como a sua voz se inscreve no campo epistémico entre a teologia e a literatura, reconhecendo as limitações e os desafios inerentes ao cruzamento destas duas áreas (pp. 17-23). Por essa razão, o primeiro capítulo “Teologia e literatura: encontros e desencontros” entrança o carácter literário da Bíblia e a narrativa ficcional da teologia. O autor

esboça, diacronicamente, a relação entre a *sapientia disciplinarum*, desde a antiguidade à modernidade, não deixando de apelar às etimologias mais significativas, tais como *en-theos* (literalmente ter Deus ou os deuses dentro de si) e *in-spirare* (ter o espírito dentro de si). A construção de *en-pathos* (empatia) faz-se através de imagens poéticas, provando que o *furor poeticus* não é totalmente diferente da inspiração profética. Neste fio condutor, poeta e profeta são igualmente dotados de sensibilidade, entusiasmo, ternura pelo pensamento imaginativo e pela dimensão *quasi* epifânica destas imagens, ou não comportasse a poesia, no seu âmago, a interpretação da realidade de maneira distinta das linguagens filosófica e científica. Ainda relativamente ao carácter literário da Bíblia (pp. 30-42) – “o livro dos livros” –, que tanto interesse tem despertado entre os estudiosos, o autor desfila uma galeria de referências paradigmáticas (Foucault, Tolentino de Mendonça, George Steiner, entre muitos outros) para refletir sobre o carácter ficcional das parábolas. Seguem-se vários subcapítulos em torno dos redutos teológicos da “literatura na Patrística” (pp. 42-50), da “Teologia e literatura no medievo” (pp. 50-56) e ainda sobre “A tensão entre teologia e literatura na modernidade” (pp. 57-65). A este propósito, o autor refere o processo de emancipação da cultura burguesa, que tendo sido levada a produzir as suas obras sob os ditames das autoridades eclesiásticas, vislumbra agora, no alvorecer do humanismo

renascentista da Reforma Protestante uma possibilidade de libertação. Este primeiro capítulo encerra com uma “possibilidade de reaproximação” (pp. 66-73) assente na convicção de que a literatura pode descortinar caminhos inéditos para pensar as pegadas da ação de Deus, da mesma forma que a experiência humana é um lugar de problematização dos temas da fé. Nesta senda, o segundo capítulo, “Teologia de mãos dadas com a literatura: reaproximações”, baseia-se numa panóplia de teorizadores que se debruçam sobre esta problemática, percursores da ideia de que a literatura pode ser vista não apenas como intérprete privilegiada das grandes questões humanas, mas como responsável por trazer em si algo específico sobre elas. No subcapítulo “Uma classificação quase impossível” (pp. 88-90), o autor enfatiza a dificuldade de categorização tanto metodológica como de conteúdo dos inúmeros trabalhos que proliferam na área, envidando ainda assim esforços numa tentativa de classificação. Na subsequente “reflexão teológica a partir da antropologia literária” (pp. 90-93), assume-se como pano de fundo o estudo de Antonio Manzatto, “Teologia e literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado”, para se analisar o termo “Teopoética” (pp. 93-97). Esta fundamentação teórica encaminha-nos para a discussão da “literatura como expressão teológica não teórica” (pp. 97-104).

No terceiro capítulo, “Teologia ficcional”, o autor ajuíza sobre o romance

e a sua capacidade interpretativa, poder imaginativo, na esteira de Roland Barthes, defendendo a literatura enquanto “fulgor do real”. De “A literatura como intérprete recriadora: o caso do romance” (pp. 110-113), seguimos para uma análise alargada das “Origens e desenvolvimento do romance” (pp. 113-120) e para “O romance como intérprete da vida” (pp. 121-124). “O potencial imaginativo-transformativo do romance” (pp. 125-130) reconfigura alguns fundamentos ricoeurianos, nomeadamente no que respeita à reescrita do mito e à *mimesis*. Em “Aportes teológicos para uma teologia ficcional” (pp. 131-143) revelam-se algumas “contribuições clássicas da teologia narrativa” – com meritória menção a autores da década de 60: Barthes, Genette, Greimas, Bremond, Todorov e Eco – para chegarmos à discussão sobre “a função hermenêutica da teologia”. Aproximando-nos do encerramento deste capítulo, mergulhamos no “poder teológico da ficção romanesca” (pp. 143-163).

No quarto capítulo “O ateísmo como *locus theologicus*” (pp. 165-190), Marcio Cappelli reconhece que os temas religiosos em Saramago são fruto de uma época na História recente em que se constata a perda do sentido das religiões, mas, paradoxalmente, também a sua revitalização. A ciência e a tecnologia caminharam num sentido de edificação de um mundo em que Deus passou a não ser necessário como hipótese de trabalho. No entanto,

é inegável a tessitura teológica em obras como *História do cerco de Lisboa*, *Memorial do Convento*, *Levantado do chão*, *Todos os nomes*, *Terra do pecado*, *O ano da morte de Ricardo Reis*. Conclui-se que a produção saramaguiana pode ser vista como depoimento teológico que remete não para a realidade do “Ser-Deus”, mas para os discursos que mobilizam o “fator Deus”.

No capítulo seguinte disserta-se sobre “Os procedimentos da escrita ficcional de José Saramago” (pp. 190-192), tendo os argumentos de Frias Martins como suporte, ratificando a ideia de que Saramago não pretende reescrever, mas sim interrogar, interpelar e compreender a cultura e muito particularmente compreender a mente por detrás de uma figura divina e tutelar. A obra saramaguiana contém uma “teologia ficcional” que se caracteriza não pelo distanciamento dos discursos religioso e literário, mas pela sua osmose e fusão.

No que concerne a reflexão sobre a intertextualidade (pp. 192-196), menciona-se de forma inevitável Fernando Pessoa – em *O ano da morte de Ricardo Reis* – e António José da Silva, com as ressonâncias do romance português *Obras do diabinho da mão furada* em *Memorial do Convento*. Nesta mesma esteira e modalizando o *topos*, o autor aborda a carnavalização e a paródia (pp. 197-204) do texto bíblico nas suas variações, tanto em *O evangelho segundo Jesus Cristo* como em *Caim*. Na mesma linha de análise, entrando

no sexto e último capítulo, “A ‘teologia ficcional’ nos romances bíblicos de José Saramago” (pp. 207-267), aprofundam-se as “Questões teológicas no ESJC” (pp. 211-213), as “Personagens-marionetas: a inescapável vontade do Deus saramaguiano” (pp. 213-214).

O papel do “narrador teólogo” (pp. 215-218), enquanto voz profética e externa, é importante na compreensão das imagens de Deus e na forma como estas operam na realização humana e no entendimento político das relações de dominação. Seguem-se os subcapítulos “Deus é medonho: Maria de Magdala e a resistência à misoginia consagrada” (pp. 218-222) e “Um Jesus humano, demasiado humano *versus* Deus” (222-223), “Aprender o corpo: eros e realização humana em Jesus” (pp. 223-228), “O prenúncio do fim trágico de Jesus: liberdade humana e soberania divina” (pp. 228-232), “Jesus entre o Diabo-Deus e um Deus-Diabo” (pp. 232-237), “Jesus, vítima de Deus” (pp. 238-240), “*Questões teológicas em Caim*” (pp. 241-242), “Adão e Eva ‘às voltas’ com Deus” (pp. 242-252), “Caim e Deus: da oferta ao confronto” (pp. 252-254), e, por fim, “As viagens temporais de Caim: um itinerário teológico” (pp. 254-268).

Na conclusão geral (pp. 269-274), o corolário destas reflexões é a certeza de que profetas e hagiógrafos partilham a mesma força motriz e inspiradora que os poetas, uma vez que todos são impelidos a passear pelos labirintos da realidade, esteticizando-os por meio